

A MATÉRIA, ESSA DESCONHECIDA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Na base da Filosofia da Natureza da tradição aristotélico-tomista está o hilemorfismo, doutrina que afirma a necessidade de dois princípios, a matéria e a forma, para explicar os seres do mundo físico. A primeira vista, como costume acontece com as noções ao mesmo tempo simples e fecundas, a teoria aristotélica parece um puro verbalismo que não explica coisa nenhuma, ou que explica claramente demais, como quiseram fazer Descartes e seus descendentes. Na verdade a noção aristotélica de matéria é uma noção obscura, uma vez que é sempre pela forma e pelo seu fulgor que a inteligência apreende o segredo das coisas. A matéria é uma espécie de não-ser, obscuramente subjacente a todo o mundo físico, e por si mesma ininteligível. Por forma, na teoria aristotélica, entende-se não somente a forma superficial, o contorno, a forma geométrica, mas qualquer determinação que faz uma coisa ser o que ela é. Num pedaço de mármore, por exemplo, não é o mármore a matéria e o feito a forma. O fato de ser mármore o objeto já é uma determinação e uma forma. Por degradação semântica, a expressão "matéria" costuma ser aplicada em qualquer substância que sirva para receber uma outra forma determinante: nesse sentido, o feito da estátua está para o mármore como a forma está para a matéria. Essa matéria referida a uma forma determinante suplementar, como o mármore da estátua, a madeira dos móveis, o ferro das grades, etc. não é a matéria-prima aristotélica. Os filósofos a chamam de matéria segunda. A matéria prima aristotélica não é também evidentemente "matéria prima" da linguagem industrial. É um princípio de ser, um substratum, um ininteligível. Ser em pura potência, em pura capacidade de ser, só se atualiza quando recebe uma forma determinante. Há na matéria algo que poderíamos chamar de máxima passividade, de máxima indeterminação, se é razoável usar tais superlativos em coisa tão subjacente.

Um bom professor de filosofia jamais aconselhará seu aluno a fazer um esforço para compreender o que seja matéria. Mais depressa ele o aconselhará a se esforçar por compreender o que ela não é, ou o que ela fica sendo em conúbio com a forma que a fecunda. Creio que é do próprio Aristóteles uma comparação que trata a matéria como coisa feminina e a forma como coisa masculina. Claro é que tal comparação só serve para assinalar o aspecto de princípio passivo que recebe de outro a determinação da forma. Podemos ainda, numa comparação teológi-

ca, dizer que os atributos da matéria (se até essa expressão podemos usar) são os opostos dos atributos de Deus. Onde em Deus formulamos o Ato-puro e a plenitude de ser, na matéria ao contrário, formulamos algo que seria uma pura potência. Os dois extremos são inacessíveis à visão direta de nossa inteligência: a matéria por ser completamente destituída de luz própria (de forma); Deus por ser luminoso e inteligível demais para nossos olhos de recruta. A soma inteligibilidade de Deus é qualquer coisa como o excesso de luz que nos nos deixa ver o sol; ao contrário disto a ininteligibilidade da matéria vem de sua indeterminação, de seu não-ser. Em ambos os lados há para nós dificuldade e mistério. Dificuldade de conceituar, mas ao mesmo tempo necessidades intelectual de afirmar a existência daquele obscuro princípio sem o qual os seres físicos seriam absurdos. Um dos erros mais curiosos, e até diria mais divertidos dos tempos em que triunfa a ciência empírica é o de pensar que a matéria é mais inteligível do que os anjos e Deus. Não é. O que é intelegível é a forma de que reveste a matéria. A matéria é um pouco como aquele Homem Invisível de H. G. Wells que, farto da invisibilidade, e com nostalgias do comportamento normal, cobria-se de esparadrapos para se tornar visível. O que é visível para a inteligência é o que os filósofos chamam "a quiddidade do ser sensível ou material". É verdade que para a faixa de nossa ótica intelectual a máxima visibilidade está nos seres corpóreos; e é verdade que neles é que firmamos o pé da razão para os saltos analógicos que nos levam a outros seres. De certo modo pode-se dizer que a matéria, trazendo um abaixamento de nível, realizando uma espécie de diafragmação, torna o ser corpóreo dotado de uma luminosidade máxima "para o olho humano", embora não máxima em si mesma. Outro erro, não menos curioso, da cultura imbuída de nominalismo é aquele que vê na matéria a explicação máxima das coisas. Essa hipertrofia da causa material — causa que sem dúvida merece o devido respeito se não sai de seus limites — é uma das características dos novos bárbaros, e é sem dúvida um dos parâmetros principais desse fenômeno que chamáramos de impotência filosófica, para não usarmos nomes mais grosseiros.

A epistemologia de nosso tempo está impregnada de materialismo, no sentido de supervalorizar a causa material e até de colocar nela a chave que abre os sete selos dos enigmas do mundo. Uma prova cabal deste fato está, por exemplo, na seguinte passagem que

encontramos num livro de R. A. Millikan, prêmio Nobel de Física mundialmente conhecido e respeitado. Eu também respeito profundamente a sua Física mas já não posso dizer o mesmo de sua Filosofia. Eis a passagem: "Quizá sea un mera coincidencia el que el hombre que por primera vez observó que el frotamiento del ambar provocaba en éste un nuevo estado, conocido ahora como estado de "electrificacion", fuese también quien, por primera vez expresara la convicción de que debe existir un gran principio de unidad que establece un vínculo entre todos los fenómenos, haciendolos racionalmente inteligibles; que detrás de toda la aparente diversidad y cambio de las cosas, existe un elemento primordial del que están compuestas todas las cosas y cuya búsqueda debe ser el objetivo último de toda ciencia natural. Más, aun cuando sea esto un simple coincidencia, de cualquier modo, corresponde a Tales de Mileto un doble honor". A seguir o ilustre autor diz que a Física Moderna tem seguido o caminho preconizado por Tales de Mileto. Ora, apesar de todas as aparências de imodestia, sou forçado a dizer que nem o grego nem o físico moderno têm razão. O grande físico e geometra da antiguidade não tinham vocação filosófica e todas as vezes que um grande cientista se põe a fazer filosofia o resultado é triste. É claro que o tal elemento primordial a que se refere Tales de Mileto, se existe como massa de que tudo é feito, já existe com tais e quais propriedades e determinações. E se assim é já é composto de matéria e forma, e por conseguinte não é um "elemento primordial". Se por outro lado existe como queria Aristóteles, isto é, como princípio de ser, então não será ele o objetivo último de toda a ciência natural, pela excelente razão de que tal princípio jamais pode ser objeto de ciência alguma. Também não é verdade que a Física moderna, com suas investigações intra-atômicas, esteja seguindo a linha anunciada por Tales de Mileto. Ninguém, que me conste, está procurando o elemento primordial de que todas as coisas são compostas. Pode-se dizer, com razão, que a ciência física moderna está tirando uma desforra do excesso de formalismo que tinha nos tempos comandados por Galileu e Newton. A física moderna é mais Física, e consequentemente mais material. A análise das substâncias e as descobertas sensacionais da micro-física, de certo modo, seguem um trajeto contrário àquele preconizado pelo grego: em vez de se encontrar uma substância, de cujos grãos tudo fosse composto, o que se vê é uma complexidade tremenda de seres batizados com nomes que no mundo inteiro despertam ressonâncias de prestígio e de terror. Elétrons, prótons, nêutrons, fótons, pósitrons... e cada um desses seres, mergulhado numa obscuridade e numa irracionalidade que dá vertigem, propõe à imaginação as mais desconcertantes figuras. Chamam-se corpúsculos, mas logo o físico nos diz severamente que não devemos, sequer um instante, pensar que corpúsculo quer dizer corpo pequenino. O que é um elétron? Como entidade do mundo físico, será alguma coisa material e sendo um elétron, e não um próton ou um méson, tem uma forma, no sentido aristotélico, da mesma maneira que um burro, uma girafa, uma árvore, uma montanha. Nesse sentido podemos dizer que o Físico da micro-física não está mais perto da matéria prima do que um de nós que trabalha com o mundo de nossa estrutura. Os conhecimentos trazidos pela física moderna podem armar problemas interessantes e novos para o filósofo, mas é errôneo pensar que estamos mais próximos, por este caminho da ciência empírica, da descoberta da tal substância de que tudo é feito. E não podemos conseguir este resultado por uma razão simples. Com instrumentos ou a olho nu, a inteligência do homem só apreende o ser pela sua forma atualizada. A matéria prima de Aristóteles, por sua própria definição, escapa à análise empírica. A outra matéria, a que se referia Tales, e atrás da qual parece andar o sábio Millikan, jamais será encontrada porque não existe.